

REVISTA DO
LIVRO

DA BIBLIOTECA NACIONAL

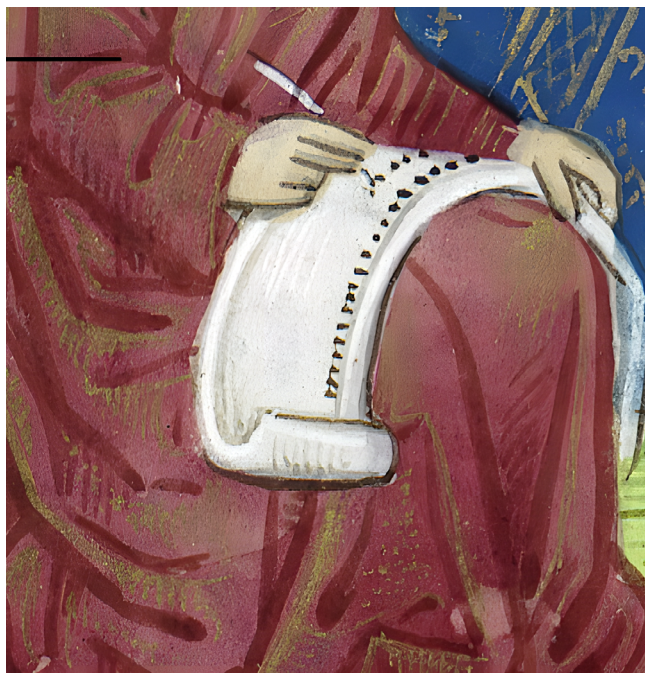
Nº 60 ANO 23 RIO DE JANEIRO DEZEMBRO 2025



Biblioteca: impacto na vida do leitor e do cidadão

Outras bibliotecas: uma história de pesquisa

Maria Teresa Santoro Dörrenberg



Entrei na biblioteca e aspirei aquele perfume de papel e de magia que inexplicavelmente ninguém ainda lembrou de engarrafar.

(Carlos Ruiz Zafón. *O jogo do anjo*.)

A biblioteca – termo derivado do grego *biblion*, “livro”, e *theca*, “depósito” – era tradicionalmente entendida como um local em que são guardados livros, documentos tridimensionais e demais publicações, a fim de que o público possa estudar, ler, consultar. Porém, o velho conceito de “depósito de livros” foi sendo, ao longo dos tempos, redefinido para algo como um ambiente físico ou virtual destinado à coleção de informações com a finalidade de auxiliar as pesquisas e trabalhos ou facilitar a prática do hábito de leitura, sendo a informação impressa em folhas de papel, ou digitalizada e armazenada em outros tipos de materiais, tais como CDs, fitas VHS, DVDs e, mais tarde, grandes bancos de dados em arquivos digitais de diferentes formatos – explica, em parte, a Wikipedia, enciclopédia da era da informação (Biblioteca, 2025).

Essa concepção se amplia, agregando atributos implícitos a seu significado; por exemplo, o conceito de biblioteca como um museu onde é selecionada e guardada a produção geral de informação, funcionando como um espelho do mundo. Segundo Umberto Eco, no documentário *A library of the world* (Ferrario, 2024), a “biblioteca é um símbolo da memória coletiva”.

Há bibliotecas, ainda, que, dada sua suntuosidade arquitetônica, sua grandeza e beleza, ou dada a veneração ao trabalho de leitura, pesquisa e redação (que impõem silêncio e respeito ao local, uma vez que conhecimento é sinônimo de poder), expandem seu sentido literal, emprestando o conceito de igreja, e a biblioteca passa a agregar também o sentido de santuário da mente.

No século XVII, Gottfried Wilhelm Leibniz, o célebre matemático, filósofo e jurista alemão,

A aspiração da biblioteca é a busca do conhecimento humano e universal. Uma aspiração grandiosa e aparentemente inatingível, já que a biblioteca está constantemente se completando, se revendo, descartando e acrescentando.

declarou que o valor de uma biblioteca estava tão somente em seu conteúdo e no uso que os leitores faziam desse conteúdo. Leibniz comparou a instituição da biblioteca a uma igreja ou escola, um lugar de estudo e instrução.

Virginia Woolf (1985), em suas conferências (em 1928, sobre “Mulheres e ficção”), consolida a ideia de lugar especial ao pontuar a necessidade de um espaço privado para ler e escrever: “A mente toda deve se abrir por inteiro se quisermos entender que o escritor está comunicando sua experiência com perfeita plenitude. É preciso liberdade e é preciso paz”.

A aspiração da biblioteca é a busca do conhecimento humano e universal. Uma aspiração grandiosa e aparentemente inatingível, já que a biblioteca está constantemente se completando, se revendo, descartando e acrescentando.

Assim, baseada nas constantes alterações de governos, de crenças, de políticas, de educação e de povos na história, a igreja e seus mosteiros tiveram um papel importante na Antiguidade, pois a memória de muitos povos e culturas foi preservada pelo silencioso e laborioso trabalho

dos padres copistas. Alguns desses copistas tinham o hábito de colocar o pincel ou o dedo sujo de tinta na boca, e a química das tintas da época acabou matando alguns. Essas bibliotecas da Antiguidade até a Idade Média eram, entretanto, fechadas e o conhecimento restringia-se aos reis em seus palácios e aos religiosos nos mosteiros.

Somente no século XVI houve a democratização da informação e a especialização em diferentes áreas do conhecimento, proporcionando a consequente abertura da biblioteca em lugar acessível a todos aqueles que podiam ler, onde se conservava o saber e a cultura dos povos. A biblioteca transformou-se, desde então, em uma prestadora de serviços que proporciona o acesso e intermedeia uma informação.

Mesmo assim, restrições à preservação e ao conhecimento acumulado em uma biblioteca têm acontecido em diferentes momentos políticos, através da censura ou da retirada de material ideológico, e muitas vezes da queima de livros com informações contrárias aos interesses vigentes. Na década de 1970, no Brasil, por exemplo, durante a caça aos “elementos subversivos” sob o regime militar, qualquer pessoa de posse de um livro “suspeito” podia ser presa e detida sem processo. Diversas pessoas, com medo de ameaças, queimaram suas bibliotecas em fogueiras.

Muito ainda se pode falar sobre a história da biblioteca, ou das bibliotecas que existiram ou existem. Histórias fascinantes de bibliotecários que salvaram livros, de livros que salvaram homens, de livros perdidos, livros proibidos, livros imaginados, de bibliotecas labirínticas com suas proliferantes estantes, de bibliotecas vegetais e bibliotecas híbridas, digitais e de bits. Porém, todas elas espelham o mundo e sua memória, como o lugar de refúgio do leitor. Guardiães dos livros, são hoje centros de documentação e informação, com espaços e coleções físicas e virtuais em que as novas tecnologias de informação e comunicação passam a ser a base do serviço e da inter-relação com o usuário.

Alguém já disse que “não é o lugar em si, mas aquilo em que as pessoas transformaram o lugar,

o significado que lhe atribuíram. Tudo envolto em memórias, tudo colorido pelo temperamento”.

A Alemanha, onde moro, tem atualmente mais de oito mil bibliotecas para uma população de aproximadamente 83,3 milhões. Delas, 6.313 são abertas ao cidadão, são as bibliotecas públicas.

Em 1993, vivia em Berlim com o apoio de uma bolsa do CNPq, trabalhando em meu doutorado *Semiotik des Medikaments: das Medikament im Kontext von Krankheit und Kommerz* (Santoro, 1998), sob a orientação do professor doutor Roland Posner, diretor do departamento de Semiótica da Universidade Técnica de Berlim.

A cidade abriga uma das mais relevantes bibliotecas públicas da Alemanha, a Staatsbibliothek zu Berlin, apelidada Stabi e instalada em dois edifícios (Haus Unter den Linden e Haus Potsdamer Straße), que estiveram separados pelo Muro de Berlim. O mais antigo e maior deles, fica na parte oriental da cidade, Haus Unter den Linden.

A Staatsbibliothek zu Berlin que frequentei por aproximadamente um ano foi o edifício concebido pelo arquiteto Hans Sharoun nos anos 1960, após a divisão da cidade.

Segundo as reminiscências de uma das “colegas de biblioteca” daquele período, Almut Nass:

Ela ficava no lado ocidental do muro em tempos de Guerra Fria, num terreno que formava um “triângulo de ninguém”, no espaço de uma linha férrea abandonada, com arbustos e pouca vegetação, que não era ocupado nem pela Alemanha Oriental, nem pela Ocidental, enfim, uma parte menos conhecida da cidade. Ninguém gostava muito de frequentar aquela área, pois era solitária, meio triste, um pouco fim de mundo. Nos anos 90, ir a essa parte da cidade era quase uma peregrinação. O metrô ficava longe. O número de estudantes e doutorandos que frequentavam essa biblioteca não era muito grande e as pessoas que iam lá dia após dia para estudar e escrever seus trabalhos eram as mesmas e a gente se conhecia. Por outro lado,

ali ficavam também a Neue Nationalgalerie de arte moderna, de Mies van der Rohe, e a famosa Filarmônica, também construída pelo arquiteto Sharoun. Posteriormente, foi construída a Gemäldegalerie, com excelente coleção de arte medieval. Todas essas construções faziam parte do Kulturforum, um foro de cultura planejado como centro cultural no coração de Berlim.

A biblioteca, hoje designada Haus Potsdamer Straße, tem 19,4 mil metros quadrados e foi aberta ao público em 1978. Ela funciona todos os dias até às 22 horas (até às 18 horas aos domingos). Lá reina um ambiente solene, silencioso, com o chão carpetado, teto com trabalho de iluminação ondulado, vitrais coloridos, em uma arquitetura ousada, mas funcional, de amplos espaços, diferentes níveis, boa iluminação, e tudo favorece a concentração e o trabalho.

Em São Paulo, no final dos anos 1980, eu havia assistido *Asas do desejo* (*Der Himmel über Berlin*, filme, 1987), do alemão Wim Wenders. E me lembrava das cenas dos dois anjos que habitavam a Terra e podiam ouvir os pensamentos, os desejos e as preocupações dos humanos, inclusive dos usuários da Biblioteca Estadual de Berlim, entre outros espaços da cidade. No filme, Berlim é ainda uma cidade murada e dividida, retratada em preto e branco, que depois se transmuta colorida quando o anjo Damiel (Bruno Ganz) se apaixona pela trapezista Marion (Solveig Dommartin) e quer participar da vida dos mortais.

Na metade dos anos 1990, não tínhamos fácil acesso a computadores ou à internet. A pesquisa, a leitura e o acesso a textos e livros tinham que ser feitos de forma analógica, através de catálogos, fichas, cartões, da cópia do texto, ou da compra do exemplar em livrarias.

Eu já havia cumprido os créditos da universidade e precisava me concentrar em escrever e finalizar a tese, mas não conseguia encontrar um ambiente propício à tarefa. Veio de uma irmã a sugestão para que fosse trabalhar numa biblioteca. Eu fui.

Entrei na Staatsbibliothek zu Berlin, na Potsdamer Straße 33, perto da Potsdamer Platz (que nos anos 1990 era um vasto campo vazio, por onde havia antes passado o Muro) e, subindo os dois primeiros lances de escada, posicionei-me exatamente numa esquina entre um lance e outro, onde estive o loiro anjo Cassiel (Otto Sander), no filme, observando daquela perspectiva o ambiente. Lembrei da cena e chorei, por estar num lugar meio mítico e ao mesmo tempo num lugar onde os livros me pareceram inumeráveis e todos à minha disposição.

Trabalhando com um *laptop* emprestado, eu digitava e depois precisava arquivar o material através de uma lógica de letras, números e sinais. Aos poucos fui me acostumando aos trâmites de procurar o livro ou o texto nas fichas-cartão das caixas-catálogo e quando não encontrava, ou me atrapalhava com a lógica dos números da catalogação, dirigia-me ao bibliotecário, que procurava e explicava a identificação do livro ou texto solicitado.

Normalmente, esperava-se de 30 minutos a uma hora pela chegada dos livros, trazidos do subterrâneo e dos arquivos até o balcão. Em algumas ocasiões, porém, a espera foi de dias e até semanas, pois o livro ou o texto de que eu precisava para a pesquisa encontrava-se em outra biblioteca, em outro estado ou cidade, tinha que passar pela burocracia do pedido e da disponibilidade, vir por correio.

Frequentei a Stabi quase todos os dias de semana de 1995. Tinha um armário para guardar o material de pesquisa e estudo, podia estacionar meu carro na frente do prédio e fiz amizade com alguns vizinhos habituais de mesa que cuidavam para que a minha permanesse vazia, à minha espera. Havia também pausas para o café, o almoço e as conversas na cafeteria do primeiro andar. Como a Filarmônica fica em frente à biblioteca, em muitas oportunidades, em vez de voltar para casa no final do dia, atravessava a rua, inteirava-me da programação do dia e assistia a concertos maravilhosos com preços especiais para estudantes.

Nos anos imediatamente posteriores à queda do Muro, Berlim passava por grandes transformações. Uma dessas mudanças eram as construções da Potsdamer Platz. Um lago ou grande piscina foi construído ao lado da biblioteca para abastecer essa praça com água. Em meu dia a dia, acompanhava visualmente os trabalhos, mas, dentro do prédio, não sofriamos com ruídos ou qualquer outro incômodo, sonoro ou estrutural.

O caminho de casa até a biblioteca também teve relevância naquele ano, pois estive cheio de novidades. De certa forma, minha percepção da biblioteca foi se transformando, estendendo-se para a cultura alemã da cidade que se movia e se renovava. Conseqüentemente, a presença contínua na biblioteca me possibilitou participar de algumas transformações da cidade e de sua identidade cultural.

Passava diariamente em frente ao Reichstag, o edifício histórico do parlamento alemão; naquele junho, comecei a observar uma movimentação matutina anormal em torno dele: estruturas de metal e outros materiais, como tecido, eram descarregados de caminhões todos os dias; me perguntava o que aconteceria naquele prédio, até então sem vidros nas janelas, com marcas de violência dos impasses da guerra e sem grande parte do teto. Foi a primeira vez que ouvi falar da dupla de artistas Christo e Jeanne-Claude. Através das mídias, logo me inteirei do evento que eu presenciaria: o “empacotamento” do parlamento alemão.

Após a montagem da estrutura que sustentaria a capa prateada, entraram em cena 90 jovens alpinistas que iam soltando os panos e as cordas, e amarrando as paredes do prédio. Foi uma performance simiesca que atraiu a atenção de quem passava – no final do dia, de volta para casa, estacionava por ali e ia observar a evolução dos trabalhos e apreciar uma multidão que foi se agregando, cheia de curiosos espalhados pelo gramado, como se essa performance fosse o maior show a céu aberto.

Em 24 de junho de 1995, o parlamento estava transformado numa grande obra artística:

encapado, amarrado e fixado, tinha sido “embrulhado”. E os curiosos visitantes haviam convertido os arredores em uma grande plateia, com direito a piqueniques, músicos e artistas amadores, fotógrafos, cinegrafistas e muitos ônibus trazendo turistas diariamente. Aquele prédio em ruínas metamorfoseado em uma monumental escultura é uma lembrança que se mistura à da biblioteca.

Sem que fosse planejado, a Stabi da Potsdamer Straße 33 transformou-se, de mero local para pesquisa e estudo em um dos lugares que considero especiais em Berlim: espaço de refúgio e paz para trabalhar, ambiente seguro e descontraído, de encontros e amigos, de novidades e familiaridades de que lembro e que guardo com carinho.

Outra instituição de memória tornou-se relevante nessa época, durante o desenvolvimento da pesquisa, quando agendei uma visita à empresa Bayer AG, em Leverkusen, para pesquisar e completar informações sobre a Aspirina, um dos medicamentos que eu escolherei para ilustrar e fundamentar minha tese.

A empresa ocupa o terreno de uma pequena cidade, com ruas, casas, bancos, supermercados etc. Grande parte dos funcionários e visitas circulam em carros ou utilizam um ônibus que percorre os principais prédios.

Meu destino era o Arquivo Corporativo da Bayer, uma biblioteca e arquivo pequena e privada para o público interno, e consultas externas sob agendamento, um “centro de informações para questões relacionadas à diversificada história da Bayer [...], composto de documentos, fotos, filmes, materiais publicitários, publicações e outros itens valiosos” (Bayer, [20--], tradução nossa).

Trabalhei alguns dias nessa etapa da pesquisa, entre leitura e cópia do material, e conversei com um dos responsáveis pelo arquivo, Herr Pogarell, que ficou à minha disposição e providenciou os conteúdos e as informações de que precisava.

Voltei a Berlim satisfeita de ter colhido material importante para meu trabalho e impressionada com o peso, a abrangência e a influência

da indústria farmacêutica na vida do cidadão comum.

Para este artigo, recuperei o contato com o sr. Hans-Hermann Pogarell e, numa entrevista online, perguntei-lhe qual foi seu grande desafio nos mais de 30 anos trabalhando no Arquivo Bayer. Ele respondeu:

Minhas responsabilidades incluíam o trabalho clássico do arquivo de documentos antigos que já não eram necessários para as operações da empresa: atender os usuários do arquivo, realizar visitas guiadas, palestras, exposições, além de escrever artigos sobre a história da empresa. O maior desafio foi, entretanto, a participação do arquivo para viabilizar o pagamento das compensações devidas a funcionários que trabalharam durante o período nazista.

Em 1925, empresas da indústria química fundaram o conglomerado. Interessengemeinschaft Farbenindustrie AG (IG Farben), incluindo a Farbenfabriken vorm. Friedr. Bayer & Co., nome da Bayer na época. Após a Segunda Guerra Mundial, a IG Farben foi confiscada e dissolvida pelos Aliados, devido a sua conduta durante o regime nazista, incluindo o trabalho forçado de seus empregados. A partir dos anos 1980, o tema virou debate público na Alemanha e em vários outros países, intensificando-se no final dos anos 1990. Várias empresas alemãs foram confrontadas com ações judiciais de trabalhadores e familiares. Foi decidido, então, que compensações deveriam ser tratadas.

Em 2000, foi criada a fundação Memória, Responsabilidade e Futuro com capital de dez bilhões de marcos alemães. O governo alemão contribuiu com cinco bilhões e o restante foi fornecido por empresas que aderiram à “Iniciativa da Fundação da Indústria Alemã”. A Bayer foi uma dessas empresas fundadoras.

“[...] Não houve outro trabalho em minha carreira que tivesse um impacto tão direto na vida das pessoas. O esforço nos diversos porões valeu a pena, e meus colegas e eu ficamos felizes por termos feito parte dessa história.”

Até onde vai a participação da biblioteca ou do arquivo num cenário não literário?

Como seria a liquidação dos pagamentos? Quem tinha provas de emprego na Alemanha nazista?

O arquivo desempenharia um papel crucial para se requerer a compensação. No Arquivo Bayer existiam alguns documentos, como listas de transporte ou arquivos do departamento pessoal, mas havia grandes lacunas. Por isso, resolvemos realizar mais pesquisas nos diferentes locais e cidades alemãs da Bayer AG. Entramos em contato com colegas das fábricas. Às vezes, havia apenas a indicação de um velho arquivo em um cômodo. “Dê uma olhada lá”, nos diziam. Após semanas de trabalho, descobrimos velhas fichas de pessoal, arquivos dos serviços médicos e outros documentos. Fiquei muito feliz com os resultados.

Com base nesses documentos, conseguimos reunir informações sobre quase 16 mil pessoas. Esses dados serviram de base para responder às consultas que o arquivo recebeu ao longo dos anos seguintes. No total, o arquivo recebeu cerca de 400 consultas até 2005, das quais quase dois terços puderam ser positivamente respondidas.

Não houve outro trabalho em minha carreira que tivesse um impacto tão direto na vida das pessoas. O esforço nos diversos

porões valeu a pena, e meus colegas e eu ficamos felizes por termos feito parte dessa história.

Até onde vai a participação da biblioteca ou do arquivo num cenário não literário?

Em 1989, o físico e cientista da computação britânico Tim Berners-Lee revolucionou a maneira como acessávamos a informação ao desenvolver a *Hypertext Markup Language* (HTML), a linguagem do hipertexto, e criar a rede mundial de computadores, a *World Wide Web*. A informação passa a ser distribuível. Com essa importante e grande transformação, os livros físicos que estão nas bibliotecas podem ser, em sua maioria, infinitamente distribuídos pelo planeta na forma digital.

O instrumento *web* abriu o caminho da informação para todo o mundo, possibilitando que textos, imagens, músicas e vídeos sejam compartilhados por meio do apertar de uma tecla; são milhões de páginas que esperam por leitores online ao toque de um dedo. Sua virtude está na brevidade e na multiplicidade da informação. O papel das bibliotecas como centros de informação mudou mais uma vez, passando de armazenadoras de conhecimento para *hubs* de acesso digital.

Pudemos, a partir de então, armazenar tabelas gigantes de zeros e uns – a linguagem digital que o computador cria para representar a informação, e que permite que um computador passe

a informação para outro computador. Assim, o agora livro digital, diferente do livro de papel, não sofre o desgaste da cópia pelo tempo; ele vai ser sempre o mesmo, a partir do código de sua inscrição na *web*, e pode ser reproduzido em milhões de cópias com disponibilidade imediata e em qualquer lugar. A *web* proporciona ainda a tradução simultânea para diferentes línguas e, se a pessoa não desejar ler, ela tem ainda o recurso do livro em áudio.

Atualmente, a tecnologia eletrônica permite que a maioria dos leitores tenha acesso, de casa, às bibliotecas nacionais e até mesmo ao serviço de empréstimo entre bibliotecas. No caso de livros antigos, livres de direitos autorais, eles podem ser digitalizados e incluídos num dos sistemas de bibliotecas virtuais. Assim, bibliotecas digitais estão se tornando essenciais para a preservação cultural de comunidades globalmente conectadas.

Quando voltei à Alemanha, em 2008, agora munida de computador e internet, morei em Colônia e trabalhei na ficção *Corpo estranho*, sobre um ciborgue que caminha pela história da arte para aprender sobre a representação do corpo em diferentes momentos da história e para se conhecer como ciborgue. A ficção foi concebida, pesquisada e concretizada, quase 90%, através dos instrumentos da *web*. A redação da maior parte dos capítulos foi implementada com fundamento em visitas aos locais onde a história se passa, assegurando minha familiaridade com o contexto, a personagem, ou o tempo em que a história se desenrola. Entretanto, alguns capítulos ficaram suspensos pela impossibilidade de viajar para os lugares (e tempos) onde os eventos acontecem. Três desses capítulos, pude concretizar através da viagem virtual ao local ou tempo da história graças ao recurso do *website*.

Visitei por diversas vezes o Museu Ludwig para ver e rever obras de Picasso, Paul Klee e outros artistas modernos e contemporâneos, objetos da minha ficção. Ao lado do museu, fica sua biblioteca de arte, Kunst- und Museumsbibliothek, uma das maiores bibliotecas públicas do mundo sobre arte moderna e fotografia. Ela reúne e oferece ao público literatura, material

informativo e fotos de arte, desde a Idade Média até a contemporaneidade. Seu rico acervo permitiu que eu completasse informações e detalhes de minha ficção, referentes aos séculos XX e XXI, além de poder examinar material fotográfico e assistir a filmes sobre o que estava pesquisando. As bibliotecas atuais evoluíram para centros dinâmicos de conhecimento.

Após a incorporação dos portais digitais, elas oferecem agora acesso a vastos acervos online, empréstimos de e-books, além de recursos multimídia e espaços para o aprendizado colaborativo.

A biblioteca virtual e a de papel e tinta hoje se inter-relacionam, formando bibliotecas híbridas, com coleções simultaneamente físicas e eletrônicas, em que as novas tecnologias de informação e comunicação passam a ser a base da relação com o utilizador. Marshall McLuhan (1964) nos ensina que “toda nova ferramenta ou tecnologia cria um meio que caracteriza a obra e se corporifica nele, definindo seu melhor modo de acesso e conservação”.

A biblioteca física e analógica não vai deixar de existir por causa das ferramentas de tecnologia virtual que permitiram o aparecimento da biblioteca digital. Elas podem e devem coexistir. Até porque “toda tecnologia nova tem suas vantagens sobre a anterior, mas necessariamente perde algo dos atributos de sua predecessora” (Manguel, 2006). O livro digital não tem peso, posso armazenar uma grande biblioteca no suporte de um Kindle, por exemplo, e carregá-lo na minha bolsa mundo afora; o livro físico exige espaço, tem peso e pressupõe o abate de árvores. Mas, folhear um livro de papel, apreciar suas imagens tem seus encantos e seu tempo – também tem número de páginas, o leitor sempre sabe em que altura ele está.

Novos instrumentos estão ao lado dos já existentes, assim como livros eletrônicos estão ao lado dos livros nas bibliotecas multimídia.

E as transformações não param. Em entrevista online em 2024, a artista tecno e pesquisadora de sistemas de informação Rejane Cantoni nos alertou para a atual revolução que a IA opera na vida das pessoas:

Hoje, com a IA, podemos compor um trabalho sozinhos, mas também podemos dialogar com ferramentas poderosas da Inteligência Artificial e escrever um trabalho misto. Segundo a artista, isso consequentemente irá alterar o modo como se escreve uma informação, um texto. Irá alterar ainda a maneira como as pessoas trocam informação. Estamos nos transformando em seres híbridos, na simbiose do humano com a máquina.

O escritor argentino Alberto Manguel (2026) resume nossa relação com o mundo real,

cuja existência estamos sempre testando... com as histórias que contamos a seu respeito... o prazer de repetir a velha metáfora do mundo como livro que lemos e no qual somos lidos; a hipótese de que tudo que podemos saber da realidade é uma imagem criada pela linguagem – tudo isso encontra manifestação material nesse autorretrato que chamamos biblioteca.

Maria Teresa Santoro Dörrenberg pesquisa sobre as representações do corpo na arte, nas tecnologias e mídias contemporâneas. Tem livros de teoria e ficção e artigos teóricos e jornalísticos sobre arte, tecnologias e mídias publicados em jornais e revistas brasileiras e alemãs; e organizou exposições em São Paulo e Colônia. Doutora em Comunicação e Semiótica, lecionou comunicação, mídias, cultura e linguagem na Faap e na Universidade São Judas Tadeu.

Leia mais

BAYER AG. *The Bayer Corporate Archives*. Bayer: a fascinating story. [S.l.: 20--]. Disponível em: <https://www.bayer.com/en/history/the-company-archive>. Acesso em: set. 2025.

BIBLIOTECA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 20--]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca>. Acesso em: 14 abr. 2025.

BROOKS, G. *As memórias do livro*. Tradução: Fabienne W. Mercês. São Paulo: Globo, 2016.

CHRISTO AND JEANNE-CLAUDE. *Wrapped Reichstag*. Berlin, 1971-1995. Instalação de arte. Exibição em 1995. Registro fotográfico no site Christo and Jeanne-Claude. Disponível em: <https://christojeanneclaude.net/artworks/wrapped-reichstag/>. Acesso em set. 2025.

ECO, U. *O nome da rosa*. São Paulo: Nova Fronteira, 2002.

FERRARIO, D. *Umberto Eco: eine Bibliothek der Welt*. Dokumentarfilm. Italien, 2022.

FIDALGO, A.; MOURA, C. Devir (in) orgânico: entre a humanização do objeto e a desumanização do sujeito. *Revista de Comunicação e Linguagens* [da Universidade Nova Lisboa], Lisboa, 2004.

GRAWERT-MAY, E. *Himmlischer Glanz: eine Bibliothek im Zwielflicht*. Norderstedt: Books on Demand, 2017.

ISAACSON, W. *Os inovadores: uma biografia da revolução digital*. São Paulo: Intrínseca, 2021.

MANGUEL, A. *A biblioteca à noite*. Tradução: Jr. Samuel. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução: D. Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

RUIZ ZAFÓN, C. *O jogo do anjo*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2008.

SANTORO, M. T. *Semiotik des Medikaments: das Medikament im Kontext von Krankheit und Kommerz*. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag Berlin, 1998. Disponível em: www.mariateresasantoro.com. Acesso em: jul. 2025. Ver também Dörrenberg, Maria Teresa Santoro.

WENDERS, W. *Der Himmel über Berlin*. Berlin: Road Movies; Paris: Argos Films, 1987. Título do filme no Brasil: Asas do desejo.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.